



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ANNY KAROLLYNY AMARAL DA SILVA

**LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A
PARTIR DO ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL DJALMA MARINHO
– NOVA CRUZ/RN**

**GUARABIRA/PB
2025**

ANNY KAROLLYNY AMARAL DA SILVA

**LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A
PARTIR DO ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL DJALMA MARINHO
– NOVA CRUZ/RN**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado ao Departamento de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Área de concentração: Metodologias do Ensino de Geografia

Orientadora: Prof^a. Me. Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva

**GUARABIRA/PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Anny Karollyny Amaral da.

Livro didático e o ensino de geografia [manuscrito] : reflexões a partir do estágio na Escola Estadual Djalma Marinho – Nova Cruz/RN / Anny Karollyny Amaral da Silva. 2025.

57 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Ma. Letícia Luana Dionisio da Silva Paiva, Departamento de Geografia - CH".

1. Livro didático. 2. Ensino em geografia. 3. Prática docente. 4. Estágio supervisionado. I. Título

21. ed. CDD 372.89

ANNY KAROLLYNY AMARAL DA SILVA

LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DO
ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL DJALMA MARINHO – NOVA CRUZ/RN

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Geografia

Aprovada em: 02/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Leandro Paiva do Monte Rodrigues** (***.252.794-**), em **16/06/2025 09:10:18** com chave **de4ed2144aaa11f0afd206adb0a3afce**.
- **Leticia Luana Dionisio da Silva Paiva** (***.982.384-**), em **15/06/2025 21:27:55** com chave **befb48284a4811f0b3301a1c3150b54b**.
- **Regina Celly Nogueira da Silva** (***.129.074-**), em **17/06/2025 10:50:40** com chave **0e8257084b8211f0b2de06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 17/06/2025

Código de Autenticação: bb1b2a



AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me permitir chegar até aqui. Foi Ele quem me sustentou, me ergueu e me deu forças para continuar, mesmo nos momentos mais difíceis. Quando pedi sabedoria e discernimento, recebi dEle valiosas oportunidades de crescimento. Cada obstáculo superado me trouxe ensinamentos preciosos — afinal, são os dias chuvosos que regam o jardim, permitindo que ele floresça em seu tempo mais bonito.

Ao meu pai, minha eterna gratidão por guiar meus passos, acreditar nos meus sonhos e nunca soltar a minha mão.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando, confiando e torcendo por mim, deixo todo o meu amor e reconhecimento.

À minha orientadora, Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva, registro minha profunda gratidão. Sua orientação atenta e generosa foi essencial ao longo desta caminhada. Cada ensinamento partilhado e cada gesto de apoio tiveram um valor imensurável para mim, e levarei comigo, com carinho, tudo o que aprendi ao seu lado.

Aos professores que gentilmente aceitaram o convite para compor a banca avaliadora deste trabalho, sinto-me honrada pela presença e pelo tempo dedicado. Vocês foram fundamentais para minha formação, e esse momento não teria o mesmo significado sem a participação de cada um.

Agradeço também a todos os docentes que fizeram parte da minha trajetória acadêmica no curso de Licenciatura em Geografia. Cada aula foi uma semente lançada, e sou profundamente grata por todos os saberes compartilhados.

À UEPB e a todos os seus colaboradores, minha sincera admiração. Em especial, deixo um agradecimento afetuoso ao senhor Walmir, da equipe de coordenação do curso, pelo acolhimento caloroso e o acompanhamento cuidadoso desde minha chegada à universidade.

Por fim, aos amigos e colegas de jornada, que me motivaram com palavras de incentivo e estiveram ao meu lado com generosidade e companheirismo, deixo meus mais sinceros agradecimentos. Vocês fizeram toda a diferença.

RESUMO

Este artigo analisa o uso do Livro Didático (LD) como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia, com base em experiências obtidas durante o estágio supervisionado na Escola Estadual Djalma Marinho, localizada no município de Nova Cruz/RN. O interesse pela temática surgiu a partir das observações e regências realizadas em 2023, durante a disciplina de Estágio Supervisionado, momento em que se teve a oportunidade de conhecer a estrutura escolar, observar a interação entre alunos e professores e atuar diretamente em sala de aula. Com o intuito de aprofundar a análise e compreender de forma mais consistente o uso do Livro Didático no ensino de Geografia, uma nova etapa da investigação foi realizada em 2025. Nessa fase, retornou-se à Escola Estadual Djalma Marinho, o que possibilitou o desenvolvimento sistemático do trabalho. A experiência vivida em 2023 despertou a curiosidade inicial e forneceu uma base observacional importante; no entanto, foi em 2025 que se consolidou o percurso investigativo. Na ocasião, foi possível retomar o contato com a sala de aula e aplicar um questionário impresso, aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. As respostas obtidas forneceram subsídios relevantes para a construção da análise e aprofundamento da pesquisa, permitindo compreender, sob a ótica dos próprios discentes, a presença e o papel do LD no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. A fundamentação teórica baseou-se em autores como Oliveira (2004; 2016), Luckesi (2004), Ribeiro (2003), Vercese (2008), Peyneau (2022) e Castro (2021), que discutem o papel do LD na prática docente e sua efetividade mediante práticas pedagógicas críticas, contextualizadas e participativas. A metodologia adotada foi qualitativa, composta por pesquisa bibliográfica e de campo, além da observação sistemática e do registro das aulas. Os resultados indicam que o LD ainda ocupa um lugar central no planejamento e na execução das aulas, sendo fundamental para a organização do conteúdo. Contudo, sua eficácia depende da mediação crítica e reflexiva do professor, bem como da articulação com outras estratégias didáticas que favoreçam o protagonismo discente. Observou-se que práticas inovadoras, integradas ao LD, enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, promovendo maior engajamento dos estudantes. Assim sendo, conclui-se que o livro didático, quando utilizado de forma contextualizada e estratégica, potencializa a prática pedagógica, servindo como um recurso valioso para a mediação do conhecimento.

Palavras-chave: Livro Didático. Ensino de Geografia. Prática docente. Estágio supervisionado.

ABSTRACT

This article analyzes the use of textbooks as a pedagogical tool in Geography teaching, based on experiences gained during a supervised internship at the Djalma Marinho State School, located in the municipality of Nova Cruz/RN. Interest in the subject arose from the observations and supervision carried out in 2023, during the Supervised Internship course, when there was the opportunity to get to know the school structure, observe the interaction between students and teachers and work directly in the classroom. In order to deepen the analysis and gain a more consistent understanding of the use of textbooks in geography teaching, a new stage of the investigation was carried out in 2025. During this phase, I returned to the Djalma Marinho State School with the support and guidance of my supervisor, which made it possible to systematically develop the work. The experience in 2023 aroused initial curiosity and provided an important observational basis; however, it was in 2025 that the investigative path was consolidated. On that occasion, it was possible to resume contact with the classroom and administer a printed questionnaire, drawn up in conjunction with the supervisor, to 9th grade students. The answers obtained provided relevant input for the analysis and in-depth research, allowing us to understand, from the students' own point of view, the presence and role of the textbook in the teaching-learning process of Geography. The theoretical foundation was based on authors such as Oliveira (2004; 2016), Luckesi (2004), Ribeiro (2003), Vercese (2008), Peyneau (2022) and Castro (2021), who discuss the role of the LD in teaching practice and its effectiveness through critical, contextualized and participatory pedagogical practices. The methodology adopted was qualitative, comprising bibliographical and field research, as well as systematic observation and recording of lessons. The results indicate that the textbook still occupies a central place in the planning and execution of lessons, and is fundamental for organizing the content. However, its effectiveness depends on the teacher's critical and reflective mediation, as well as its articulation with other didactic strategies that favor student protagonism. It was observed that innovative practices, integrated with the textbook, enrich the teaching-learning process, promoting greater student engagement. Therefore, we conclude that the textbook, when used in a contextualized and strategic way, enhances pedagogical practice, serving as a valuable resource for the mediation of knowledge.

Keywords: Textbook. Geography teaching. Teaching practice. Supervised internship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2. O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA	9
2.1 A SALA DE AULA E A PRÁTICA DOCENTE	13
2.2 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	16
3. METODOLOGIA	18
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
4.1 UM OLHAR SOBRE A REALIDADE ESCOLAR: ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA OBSERVADA.....	22
4.2 LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DISCENTE E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS	24
4.3 PERCEPÇÕES DOS DOCENTES E DA COORDENAÇÃO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICE	53
APÊNDICE A – PESQUISA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	53
APÊNDICE B – PESQUISA COM OS PROFESSORES.....	55
APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE PESQUISA REALIZADA COM OS ALUNOS ...	57

1 INTRODUÇÃO

A expressão “Livro Didático” (LD) pode ser interpretada de diversas formas, pois, carrega uma miríade de sentidos e significados atrelados ao seu contexto de uso. Segundo Oliveira (2004), trata-se de um material impresso, organizado, destinado ou adaptado para ser empregado em processos de aprendizagem e formação. Já Luckesi (2005) define como um canal de comunicação através do qual o aluno recebe a mensagem educativa. Assim, o material atua como uma ferramenta didática de apoio às atividades do professor.

O uso do livro no Brasil integra, historicamente, a trajetória educacional do país desde o período colonial (Ribeiro, 2003). Contudo, naquele contexto inicial, o acesso aos livros era restrito a uma pequena elite pertencente às camadas sociais mais elevadas, o que limitava seu impacto na educação da população em geral. O reconhecimento da importância do livro didático no sistema educacional brasileiro ganhou maior dimensão a partir do acordo firmado em 1966 entre o Ministério da Educação e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que viabilizou a produção em larga escala desses materiais, visando atender à crescente demanda escolar decorrente da expansão do ensino público (Verceze, 2008).

Paralelamente, é importante destacar que a escola exerce papel fundamental na formação integral dos cidadãos, proporcionando um ambiente propício para a interação dos alunos com uma diversidade de recursos pedagógicos. Nesse cenário, o livro didático se destaca como um dos instrumentos mais tradicionais e duradouros no processo educativo brasileiro, consolidando-se como ferramenta importante para mediar a construção do conhecimento e orientar as práticas pedagógicas.

Diante deste contexto, este artigo tem como objetivo analisar a utilização do Livro Didático (LD) como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia, com base em experiências obtidas durante o estágio supervisionado na Escola Estadual Djalma Marinho, localizada no município de Nova Cruz/RN. O interesse pela temática surgiu a partir das observações e regências realizadas em 2023, durante a disciplina de Estágio Supervisionado, ocasião em que foi possível analisar a estrutura da escola, a interação entre alunos e professores, além de vivenciar experiências práticas de regência em sala de aula.

Com o intuito de aprofundar a análise e compreender de forma mais consistente o uso do Livro Didático no ensino de Geografia, uma nova etapa da investigação foi realizada em 2025. Nessa fase, retornou-se à Escola Estadual Djalma Marinho com o apoio e direcionamento da orientadora, o que possibilitou o desenvolvimento sistemático do trabalho. Na ocasião, foi possível ter contato novamente com a sala de aula e aplicar um questionário impresso, que foi aplicado com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Assim, a presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: observação direta em sala de aula, questionários aplicados com os alunos — com o objetivo de identificar a percepção sobre uso e o nível de engajamento dos alunos com o livro didático —, além de entrevistas com o professor de Geografia e com a equipe gestora da escola, visando compreender o contexto pedagógico e as possibilidades de implementação das metodologias.

Considerando a relevância do livro didático como recurso amplamente utilizado no cotidiano escolar, especialmente no ensino de Geografia, torna-se essencial compreender de que forma esse material tem sido apropriado pelos docentes e percebido pelos discentes. A análise realizada nesta pesquisa parte da vivência prática do estágio supervisionado, somada à investigação teórica e empírica, permitindo uma reflexão sobre a presença do LD como instrumento de mediação pedagógica e seus desdobramentos na aprendizagem geográfica.

Assim, o presente estudo busca contribuir para futuras reflexões sobre o uso do livro didático no contexto escolar, especialmente no que se refere as práticas pedagógicas. A seguir, serão apresentadas as fundamentações teóricas que sustentam esta pesquisa, a metodologia adotada e, por fim, a análise dos dados coletados, com base nas experiências vivenciadas e nas contribuições dos autores estudados.

2. O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Compreender a história dos livros didáticos no Brasil é indispensável quando o objetivo é entender o seu contexto social. A maioria dos estudos referentes ao LD, apontam que ele ainda é um recurso pouco explorado, onde

não é compreendido com todos os significados que o acompanham. Dessa forma, é importante destacar o papel dos LDs e sua trajetória na Educação Brasileira, para que essa ferramenta seja vista de uma perspectiva válida e contemporânea de ensino. Segundo Ferreira (2017) disserta que:

Podemos situar o início da história do livro didático no Brasil em 1549 com a vinda dos jesuítas na expedição de Tomé de Souza. Com eles trouxeram livros escolares para ensinar a leitura e a escrita nos colégios fundados ao lado da igreja. Livros esses que foram esquecidos com a sua expulsão em 1759. Até a criação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro em 1808, os livros utilizados para o ensino no Brasil eram produzidos na Europa (Cury, 2009, p. 121-122 Ferreira, 2017, p. 20).

Nos dias atuais, é importante mencionar que o o livro didático é disponibilizado gratuitamente às escolas públicas brasileiras através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), conforme divulgado pelo Portal do Ministério da Educação. Segundo o Anuário Abrelivros (2023), mais de 206 milhões de unidades foram distribuídas em 2022, alcançando cerca de 30 milhões de estudantes em todo o território nacional. A distribuição foi proporcionalmente maior para o Sudeste (35,5%) e Nordeste (31,5%), evidenciando a abrangência e a importância desse recurso para a educação pública.

Desta forma, o LD, como objeto de estudo, é um recurso presente no Brasil desde o período colonial, configurando-se como um dos mais antigos instrumentos no processo de ensino-aprendizagem. Seu uso contínuo ao longo das décadas leva alguns a considerá-lo ultrapassado e associado a metodologias tradicionais.

Contudo, é importante ressaltar que o LD passa por constantes atualizações, buscando acompanhar as transformações de uma sociedade cada vez mais globalizada e conectada. Um aspecto relevante a ser destacado é a deficiência nas políticas de formação continuada dos educadores, haja vista que, de acordo com Ota (2009), em muitos casos, o LD torna-se o único recurso disponível para a atualização dos saberes docentes — ainda que esta não seja sua função primordial. Tal situação pode resultar no uso acrítico do material, reduzindo-o a uma mera diretriz para a prática pedagógica, sem a devida reflexão sobre seu conteúdo e aplicação. Como bem sintetiza Paraná (2008, p. 64):

O livro didático é uma importante ferramenta pedagógica a serviço do professor, assim como o computador, a televisão e a internet. Sua eficiência, contudo, está associada ao controle do trabalho pedagógico, responsabilidade do professor. Em outras palavras, o pedagogo do livro deve ser o professor — e não o contrário. (Paraná, 2008, p. 64)

Segundo Varizo (1999) inclusive destaca sua influência significativa no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, através dele, o professor seleciona os conteúdos a serem trabalhados e organiza suas abordagens metodológicas. Complementando essa perspectiva, Verceze e Silvino (2008) afirmam que o livro didático não deve ser a única referência no ensino fundamental, mas sim um dos vários instrumentos a serem utilizados na construção do conhecimento escolar.

Outrossim, o livro didático de geografia é muito importante para o professor, já que apesar das tecnologias estarem tomando conta das salas de aulas, ainda existem inúmeras escolas sem ferramentas de ensino mais atuais. As escolas públicas do país ainda sofrem bastante com uma estrutura que não acompanha o mundo globalizado em que vivemos. Portanto, é imprescindível que o professor de geografia domine o LD, sendo este de extrema importância para sua profissão, conforme alega Monteiro, (2019).

Na prática, o professor devido a uma série de razões tem dificuldade em implementar tal teoria nas escolas públicas e o livro didático se torna, pois, o instrumento único e validador dos assuntos estudados, encarado como verdade absoluta, se tornando o material pedagógico perfeito para a reprodução do discurso capitalista, o que potencializa seu uso como mercadoria para auferir lucros para as editoras de livros didáticos. (Monteiro *et al.*, 2019, p. 3).

É necessário ter o livro didático de geografia como um importante meio de incentivo da relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, principalmente considerando as implicações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no modelo atual de ensino. O LD de geografia é rico em dados e informações seguras, o que o torna uma fonte extremamente confiável de pesquisa em meio a velocidade de propagação de informações falsas nos meios de comunicação pós-globalização.

Nesse sentido, o livro didático, enquanto suporte ao acesso à informação, torna-se um importante instrumento de democratização do conhecimento. No entanto, é preciso evitar sua utilização de forma acrítica, como se fosse a única ou a correta fonte de saber. Como destaca Callai (2005), o avanço no processo

de aprendizagem exige que o aluno seja estimulado a questionar, a problematizar as verdades apresentadas pelo texto, exercendo a crítica como parte fundamental da construção do conhecimento.

É fundamental que o professor aborde os temas presentes no livro didático sob uma perspectiva de ensino mais dinâmica e crítica, alinhada aos princípios da nova geografia, que busca despertar nos alunos a consciência e a reflexão sobre as dimensões físicas e sociais do espaço.

Apesar dos benefícios que o livro didático de Geografia pode oferecer ao ensino-aprendizagem, é necessário reconhecer críticas importantes ao seu uso. Muitas obras apresentam abordagens simplificadas dos conceitos geográficos e, em casos mais graves, utilizam intencionalmente categorias de análise para reforçar discursos de dominação. Um exemplo disso é o uso dos termos “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos” para exaltar países como EUA e nações europeias como modelos a serem seguidos, perpetuando uma visão desigual do mundo (Monteiro *et al.*, 2019, p. 5).

O professor é um fator determinante no uso do livro didático de geografia, onde a partir de suas abordagens será possível dar significado a essa ferramenta. O LD, notadamente, está presente de referências universais, de modo que todos possam entendê-lo sem maiores dificuldades. Com o passar dos anos, o livro didático se solidificou como uma valiosa ferramenta pedagógica, capaz de induzir e orientar possíveis transformações e aprimoramentos na prática educacional. Não é à toa que a representação estilizada do professor o mostra com um livro em mãos, sugerindo que ensino, livro e conhecimento formam um trio indissociável e inseparável (Silva, 2019).

Assim, é importante ressaltar que o livro não deve ser visto apenas como um meio para fornecer informações prontas, onde o aluno se limita a reproduzir pensamentos e respostas já elaboradas a partir de conteúdos simplificados – os quais, muitas vezes, não se conectam à realidade da comunidade na qual o estudante está inserido. Mesmo sendo um recurso utilizado a décadas, o LD é um material sob constante evolução, adequando ao contexto social da época de sua elaboração. Não seria loucura considerar o LD como uma tecnologia, já que ele avança em sua versatilidade, na medida que o mundo globalizado exige (Emiliana e Menezes, 2018).

Destarte, no contexto hodierno, os livros didáticos incorporam tecnologias contemporâneas, como que direcionam a museus virtuais, documentos históricos, sites oficiais e outros recursos que ampliam a experiência educativa dos alunos. Além disso, permitem a análise de imagens, mapas e infográficos que ilustram costumes sociais e transformações geográficas (Castro e Pinheiro, 2021, p. 6-7). Tais recursos contribuem para dinamizar as aulas e fomentar uma aprendizagem mais crítica e reflexiva.

Apesar das críticas, é consenso que o LD deve ser considerado um recurso viável no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo um conjunto organizado de conteúdos para consulta e planejamento docente (Peyneau *et al.*, 2022). Conforme Oliveira (2016), o livro didático não deve ser o centro do processo educativo, mas sim um instrumento complementar ao trabalho docente, devendo ser utilizado de maneira criteriosa e articulada com outras metodologias.

Na sociedade atual, permeada por tecnologias digitais, cabe ao professor planejar estrategicamente sua prática, selecionando os momentos mais adequados para utilizar o LD e explorando as ferramentas tecnológicas disponíveis nas escolas (Silva *et al.*, 2019). O equilíbrio no uso dos recursos pedagógicos é essencial para não limitar a aprendizagem a uma única fonte de conhecimento.

Diante de todas as considerações sobre o livro didático de Geografia, compreende-se que, apesar de suas limitações e críticas, ele continua sendo uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem, desde que utilizado de forma crítica, reflexiva e articulada com outras metodologias. Seu valor pedagógico está diretamente relacionado à atuação consciente e planejada do professor, que deve reconhecer o potencial do LD sem se limitar a ele.

Portanto, para compreender de forma mais concreta como esse recurso se insere na realidade escolar, é necessário voltar o olhar para a prática docente em sala de aula, espaço privilegiado onde se materializam as interações entre conteúdos, metodologias e sujeitos do processo educativo.

2.1 A SALA DE AULA E A PRÁTICA DOCENTE

Discutir a prática docente em sala de aula significa abordar um saber-fazer pedagógico complexo, atravessado por múltiplas dimensões e significados. Trata-

se do reconhecimento de que os professores mobilizam saberes profissionais diversos e heterogêneos, construídos ao longo de suas trajetórias formativas e experiências cotidianas. Esses saberes, como afirma Tardif (2000), são plurais e se manifestam de forma concreta nas ações docentes, refletindo as exigências, os desafios e as particularidades do contexto educacional em que estão inseridos.

Refletir sobre a prática docente implica, portanto, considerar o professor como sujeito de um ofício (Arroyo, 2000), detentor de um saber que se configura como arte — a arte de ensinar —, e que, no exercício desse ofício, produz e mobiliza conhecimentos próprios, construídos na vivência concreta do trabalho escolar.

Assim, a ação docente sempre esteve rodeada por situações de desafios e obstáculos. Desafios esses que envolvem sempre um questionamento crítico quanto à eficácia da ação do professor frente à necessidade de uma prática consciente e transformadora da realidade vivida no cotidiano escolar.

Em um contexto de demandas crescentes, com discentes habituados com o uso excessivo de telas e respostas imediatistas, o professor precisa se desdobrar para cumprir sua função. O LD causa estranhamento aos estudantes, haja vista a necessidade de buscar por respostas, de discutir situações em grupos, contextos que desafiam a lógica perpetrada principalmente devido às redes sociais.

A discussão acerca do livro didático também é pertinente, pois revela tanto seu potencial como recurso pedagógico quanto suas limitações, principalmente diante de demandas locais e da rotina intensa dos docentes. Ao considerar as falas de autores como Tardif, Arroyo e Candau, o texto sustenta teoricamente suas análises, enriquecendo a compreensão sobre o fazer pedagógico e a necessidade de um ensino mais contextualizado e crítico.

Partindo desses pressupostos, falar da sala de aula e a prática docente perante a experiência vivenciada durante o período de observação do estágio, foi de suma importância no exercício da profissão, a qual veio nos proporcionar momentos de grande aprendizado e um enorme conhecimento mais aguçado sobre a prática docente no dia-a-dia na sala de aula e, os desafios que os professores encontram diariamente no seu cotidiano escolar, sejam eles de cunho comportamental – por parte dos alunos – ou até mesmo com relação a estrutura insuficiente disponibilizada nas instituições de ensino.

Todavia, podemos perceber que a prática docente vai além do que se aprende no campo teórico nos cursos de licenciatura para a formação de futuros professores, haja vista a sempre pertinente necessidade de aliar à atuação teórica na prática.

E, a partir do que foi observado na escola da qual estagiamos é que o professor tem que se adaptar à realidade do aluno – que muitas vezes acaba tendo déficit em relação ao que já era esperado que ela dominasse, em termos de conteúdos, e, assim, desenvolver seu exercício profissional incorporando os conteúdos ao contexto da realidade dos alunos. De acordo com Candau (1996):

[...] É no cotidiano escolar que o professor aprende, desaprende, reestrutura o aprendido, faz descobertas, estrutura formas de pensamento e constrói crenças. De uma forma ou de outra, a escola, com sua cultura, é lugar de construção coletiva desses saberes, crenças e mitos que precisam ser analisados. (Candau, 1996 apud Guanieri, 2005, p.37).

Isso pôde ser observado nas turmas acompanhadas durante as observações, em que o professor iniciou sua prática docente considerando os conhecimentos prévios dos alunos, cujas origens eram diversas, com alguns provenientes da zona rural e a maioria oriunda da zona urbana do município. Na sequência, promoveu uma atividade dinâmica com o objetivo de favorecer o entrosamento e a integração entre os estudantes.

A diminuição da relevância do livro didático se deve ao fato de que muitas pessoas não veem nele uma função específica em suas vidas, que possa se estender além do ambiente escolar. É fundamental que tanto educadores quanto alunos entendam a importância do livro didático como um facilitador da transversalidade, podendo ser utilizado por estudantes em diversas áreas do conhecimento (Marpica e Logarezzi, 2010).

Este recurso desempenha um papel significativo na formação da identidade e no apoio à implementação de políticas educacionais (Horikawa e Jardimino, 2010). Considerando que é um instrumento amplamente utilizado, Xavier, Freire e Moraes (2006) afirmam que o livro didático tem o potencial de eliminar as barreiras entre ciência e cidadania, tornando-se, assim, um objeto de pesquisa contínua em relação à sua contribuição para a educação.

Por diferentes motivos, tanto para o educador em formação quanto para aquele que já está em serviço, o livro didático é visto como um recurso essencial e singular a ser seguido, exercendo um papel quase todo-poderoso, o que, muitas vezes, pode ser intimidador no contexto pedagógico.

Nos discursos dos professores em formação, o livro didático é considerado a principal ferramenta de ensino ou, pelo menos, a mais confiável, embora se perceba que esses educadores tentam elaborar suas aulas de maneira mais criativa, buscando envolver a motivação e o conhecimento prévio de seus alunos.

Para os professores já atuantes, a relevância do livro didático está intimamente ligada ao volume de trabalho que enfrentam. Com uma carga horária intensa, frequentemente lidando com diversas turmas por dia, eles se vêem compelidos a seguir as atividades ou tarefas sugeridas pelo livro com seus alunos. Além disso, a falta de outros materiais didáticos tende a levar esses educadores a depender quase que exclusivamente do livro didático.

Dessa forma, conclui-se que a prática docente transcende a mera aplicação de conteúdos curriculares, configurando-se como uma atividade intelectual e relacional que exige constante reflexão, reinvenção e sensibilidade por parte do educador.

A experiência proporcionada pelo estágio revelou-se fundamental para o amadurecimento profissional, ao permitir a identificação dos desafios inerentes ao cotidiano escolar e das estratégias pedagógicas utilizadas para superá-los. A compreensão de que o ensino eficaz demanda a articulação entre teoria, prática e contexto sociocultural reafirma a necessidade de uma formação docente crítica, comprometida com a transformação da realidade educacional e com a valorização do papel do professor como agente de mudança.

2.2 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois, essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, isto é, fortalecer-lhes as bases acadêmicas e, facultativamente, no que concerne às questões morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado. A

aula não pode ser considerada apenas uma mera transferência de conhecimento, devemos também nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz parte da facilitação da aprendizagem.

É inegável que o livro didático pode ser uma ferramenta valiosa para os educadores que precisam lecionar diversos cursos e atender a diferentes séries. Quando utilizado de maneira eficaz, o livro pode se tornar um suporte importante na prática docente, servindo como meio de organizar a aprendizagem dos alunos, além de ser adaptável aos diferentes perfis das turmas e possibilitar que cada grupo mantenha seu próprio ritmo de aprendizado.

Nesse processo, o professor precisa conhecer o livro didático que utilizará em sala de aula para que possa reconhecer em que situações pode dele se utilizar, que conteúdos selecionar, que abordagem fazer a partir do conteúdo disponibilizado. Esse material precisa ser constantemente analisado pelo professor, repensadas as suas propostas, no sentido de adequar-se ao contexto em que atua, para que, efetivamente contribua no processo de ensino e aprendizagem.

O livro didático é apenas um dos suportes de ensino disponibilizado aos professores para facilitar a construção de conhecimentos. Sendo assim, não pode ser utilizado como um “manual” a ser seguido rigorosamente. Candau (2002) discute como o livro didático muitas vezes assume uma função normativa na sala de aula, orientando rigidamente os conteúdos e práticas, o que pode limitar a autonomia docente.

A autonomia docente, fundamentada em conhecimentos teórico-metodológicos e saberes próprios da prática educativa, permite ao professor ir além do uso do livro didático como mero manual de instruções. Ao compreender a complexidade do processo de ensino e aprendizagem, e alicerçado no domínio da ciência que ensina, o professor é capaz de utilizar o livro didático de forma crítica e intencional, articulando-o com outros recursos e adaptando-o às demandas da realidade escolar.

Como destaca Cavalcanti (2012), o professor de Geografia deve ser capaz de articular o conteúdo do livro didático com a realidade vivida pelos estudantes, promovendo a compreensão dos espaços e territórios em que estão inseridos. Isso só é possível quando o educador não se submete passivamente

ao material didático, mas o transforma em recurso pedagógico flexível, integrado a outros saberes e práticas escolares.

Diante das reflexões apresentadas, observa-se que a construção de uma relação pedagógica pautada na escuta, no respeito mútuo e na afetividade potencializa o processo educativo, permitindo que o ensino vá além da mera transmissão de conteúdos. Nesse cenário, o professor assume um papel mediador, capaz de articular saberes e experiências, considerando as especificidades dos sujeitos e os contextos nos quais estão inseridos.

Embora o livro didático represente um instrumento relevante na organização do trabalho docente, sua utilização requer criticidade e flexibilidade. A autonomia do professor, portanto, torna-se indispensável para ressignificar o material didático e transformá-lo em um recurso alinhado às necessidades reais da prática educativa como será possível observar no decorrer do trabalho.

Assim, o livro deixa de ser o único guia da prática pedagógica, abrindo espaço para a exploração de outras fontes e metodologias que favoreçam uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, em consonância com os objetivos formativos e as especificidades da turma.

3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, uma vez que busca tanto interpretar os significados atribuídos pelos sujeitos ao uso do livro didático (LD) no ensino de Geografia, quanto analisar dados empíricos obtidos por meio da aplicação de questionários. A vertente qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada dos processos pedagógicos e das experiências vivenciadas em sala de aula, considerando os contextos sociais, históricos e culturais envolvidos (Minayo, 2001).

Já a dimensão quantitativa complementa a análise ao oferecer indicadores objetivos, expressos em gráficos, construídos a partir das respostas dos participantes, o que possibilita identificar padrões e frequências relevantes para a compreensão do fenômeno investigado (Yin, 2016; Gamboa, 2014). Assim, a combinação dessas abordagens fortalece a análise dos dados e amplia as possibilidades interpretativas do estudo.

A investigação foi desenvolvida em duas etapas principais: a primeira ocorreu durante a disciplina de Estágio Supervisionado, realizada em 2023 na Escola Estadual Djalma Marinho, localizada no município de Nova Cruz/RN. Nessa fase, foram realizadas observações sistemáticas do ambiente escolar, da dinâmica entre professores e alunos, bem como regências planejadas com base nos conteúdos de Geografia. Os registros das aulas foram fundamentais para a compreensão do papel desempenhado pelo LD no cotidiano escolar.

A segunda etapa ocorreu em 2025 e consistiu na aplicação de um questionário com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da mesma instituição. Nesta turma havia 30 alunos matriculados, porém apenas 24 alunos compareceram para a realização dos questionários em sala de aula, foram aplicados 14 questionários com o objetivo de identificar as percepções dos discentes acerca do livro didático de Geografia, sua frequência de uso, sua relevância para o processo de aprendizagem e sua articulação com outras estratégias pedagógicas.

Assim os Instrumentos de coleta de dados, foram compostos por: Observação direta em sala de aula, com registros em diário de campo; Questionários semi-estruturados aplicados aos alunos, visando identificar a percepção sobre as práticas utilizadas e o nível de engajamento; Entrevistas com professores de Geografia e gestão escolar, para compreender o contexto pedagógico.

Acrescenta-se que as atividades de campo — desde a coleta de informações, entrevistas e observações pertinentes ao estudo — foram realizadas nas dependências da escola, respeitando a rotina institucional e sem interferir no andamento das aulas. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário, o que possibilitou uma análise detalhada das dinâmicas observadas no ambiente escolar. Nesse contexto, Lüdke e André (2012, p. 26) destacam:

"[...] a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno, o que apresenta uma série de vantagens. A experiência direta é, sem dúvida, o melhor teste de verificação da ocorrência de determinado fenômeno."

Dessa forma, evidencia-se que a observação direta dos fenômenos educativos desempenhou um papel fundamental, permitindo a identificação de padrões, a validação de hipóteses e a obtenção de informações contextuais relevantes para a interpretação dos dados.

A análise dos dados foi realizada por meio de técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), buscando identificar categorias relacionadas à eficácia das práticas metodológicas e sua aceitação por parte dos estudantes. A pesquisa seguirá os preceitos éticos da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, com garantia do anonimato dos participantes e consentimento livre e esclarecido.

Além da pesquisa de campo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base em autores que discutem a função e os limites do livro didático na prática docente, como Oliveira (2004), Luckesi (2004), Ribeiro (2003), Verceze (2008), Ferreira (2017), Ota (2009), entre outros. Essas contribuições teóricas foram fundamentais para embasar criticamente a análise dos dados e construir reflexões sobre o papel do LD como mediador da aprendizagem no ensino de Geografia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O uso do livro didático como ferramenta de ensino continua sendo uma prática recorrente nas salas de aula, especialmente na disciplina de Geografia, onde se destaca por sua capacidade de organizar e apresentar conteúdos de forma estruturada. No entanto, a forma como esse recurso é utilizado pelo professor pode influenciar significativamente o envolvimento dos alunos e a efetividade do processo de aprendizagem.

O interesse pela temática emergiu a partir das experiências vivenciadas em 2023, durante a realização da disciplina de Estágio Supervisionado. Nesse contexto, foi possível observar a estrutura da escola, a dinâmica da sala de aula, a interação entre docentes e discentes, bem como exercer práticas de regência, o que possibilitou uma imersão significativa no cotidiano escolar.

Com o objetivo de aprofundar a análise e compreender, de maneira mais consistente, o papel do livro didático no ensino de Geografia, uma nova etapa investigativa foi conduzida em 2025. Nessa fase, houve o retorno à Escola Estadual Djalma Marinho, localizada na cidade de Nova Cruz/RN, com o apoio e

a orientação da professora responsável pelo estágio, o que favoreceu o desenvolvimento sistemático da pesquisa. Durante essa etapa, foi aplicado um questionário impresso, elaborado conjuntamente com a orientadora, aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, possibilitando uma escuta qualificada das percepções discentes sobre o uso do material didático.

As respostas obtidas serviram como base para a construção da análise, permitindo compreender, sob a ótica dos próprios estudantes, a presença e o papel do livro didático no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. Além do questionário, foi realizada a observação sistemática das aulas, com foco no uso do livro didático enquanto recurso didático-pedagógico. A pesquisa, de abordagem qualitativa e quantitativa, evidenciou o uso predominante do livro como principal ferramenta de ensino, sendo utilizado de forma contínua nas aulas da disciplina.

De acordo com Horikawa (2010), a escola é uma instituição social cuja função primordial é desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Nesse sentido, é fundamental que o livro didático não seja compreendido como única ou principal fonte de saberes, tampouco como um instrumento que promova práticas pedagógicas repetitivas e descontextualizadas. Ao contrário, deve ser visto como um suporte que auxilia tanto o professor quanto o aluno, funcionando como ponto de partida para reflexões, descobertas e conexões com a realidade social dos estudantes — especialmente no ensino da Geografia.

Os dados analisados nesta pesquisa apontam que, embora o livro didático seja amplamente utilizado como suporte principal no cotidiano escolar, os recursos complementares presentes na obra não foram explorados durante as aulas observadas. Isso revela não apenas os desafios enfrentados no uso crítico e criativo do material, mas também possibilidades de aprimoramento na mediação pedagógica.

Mesmo diante da disponibilidade de ferramentas didáticas diversas no livro, observou-se que os recursos adicionais — como códigos QR, links, sugestões de atividades interativas ou exercícios complementares — não foram utilizados pelos estudantes. Ao ser questionado sobre tal escolha, o docente responsável pela turma justificou sua postura como uma tentativa de evitar o uso de dispositivos

eletrônicos durante momentos-chave da aula, com o intuito de manter a atenção dos alunos voltada para os conteúdos centrais.

4.1 UM OLHAR SOBRE A REALIDADE ESCOLAR: ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA OBSERVADA

A escola Estadual Djalma Marinho foi fundada no ano de 1988, localizada na rua: Assis Chateaubriand, no Centro, no município de Nova Cruz/RN. No período das observações, a escola demonstrava ser um ambiente relativamente espaçoso, embora não atendesse plenamente a todas as demandas das práticas educativas realizadas. As salas de aula, em sua maioria, abrigavam um número de estudantes acima do ideal, mas sem caracterizar superlotação.

A estrutura física da escola, de modo geral, apresentou-se organizada e funcional, proporcionando um ambiente acolhedor tanto para os alunos quanto para a equipe técnica e docente. Esses aspectos pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 1 – Imagem da fachada de entrada da Escola Estadual Djalma Marinho.



Fonte: Acervo do *blog* da escola, 2014.

Figura 2 – Corredor de acesso às salas de aula.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 3 – Pátio da escola.



Fonte: Autora, 2023.

Entretanto, apesar da evidente preocupação em manter a instituição em condições adequadas, alguns aspectos relacionados com a parte física do edifício acabam limitando o pleno desenvolvimento das atividades pedagógicas necessários a plena execução das demandas de cunho pedagógico, entre as quais se destacam: a ausência de climatização nas salas de aula, que por exemplo, torna o ambiente desconfortável em períodos de altas temperaturas; e ausência de espaços de convivência mais amplos, como refeitório ou quadra poliesportiva. Além disso, o espaço físico reduzido das salas compromete a realização de atividades que demandam maior mobilidade ou organização diferenciada.

Inevitavelmente, pode-se salientar que boas condições de aprendizado dependem de três fatores principais: primeiro, as características das escolas, como os professores, a infraestrutura, as metodologias e os materiais pedagógicos; segundo, o contexto socioeconômico dos estudantes, incluindo suas origens familiares e a participação da comunidade no processo de ensino; e por último, as condições específicas dos alunos e suas famílias, como a renda familiar e a formação dos pais (Soares, Razo e Fariñas, 2006).

4.2 LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DISCENTE E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Desde as primeiras observações realizadas durante o estágio, foi possível identificar — como será discutido ao longo deste trabalho com base em dados empíricos e referenciais teóricos — que o uso do livro didático tem apresentado obstáculos significativos para a aprendizagem dos alunos. Muitos estudantes demonstraram dificuldades na compreensão dos conteúdos apresentados, o que contribui para tornar as aulas teóricas e, por vezes, monótonas.

Diante desse cenário, observa-se a prevalência de práticas pedagógicas tradicionais por parte do professor, que faz uso do livro didático como principal — e, em alguns casos, único — recurso didático. Embora o livro didático continue sendo um instrumento importante no contexto escolar, a Pedagogia contemporânea propõe que ele seja compreendido como uma ferramenta de apoio, e não como a única base para a prática docente. Defende-se, assim, a necessidade de diversificar os recursos utilizados em sala de aula e de explorar metodologias mais dinâmicas e interativas, que favoreçam o engajamento e a compreensão dos alunos.

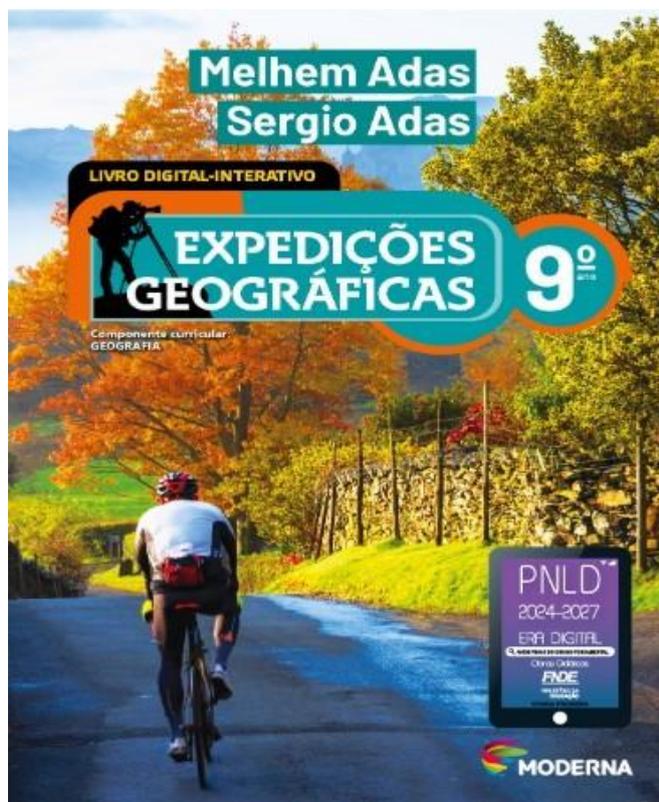
Observou-se que o livro didático utilizado na escola investigada intitula-se *Expedições Geográficas* (3ª edição), destinado ao 9º ano do Ensino Fundamental. A obra, de autoria de Melhem Adas e Sérgio Adas, foi publicada pela Editora Moderna e é voltada ao ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental.

Sobre os autores, segundo Almeida (2021), o geógrafo Melhem Adas possui uma longa trajetória na produção de livros didáticos de Geografia no Brasil, atuando por quase cinco décadas como professor. Licenciado e bacharel pela PUC-SP, com pós-graduação pela USP, iniciou sua carreira editorial em 1976, com obras que buscavam romper com a abordagem puramente memorística da Geografia escolar, adotando uma perspectiva crítica, de cunho histórico e social.

A partir da década de 1990, passou a escrever em parceria com seu filho, Sérgio Adas, também geógrafo, professor e pesquisador da USP. Juntos, publicaram coleções como “Panorama do Brasil” (1998) e “Expedições Geográficas” (2011), esta última destinada aos anos finais do Ensino Fundamental

e amplamente utilizada nas escolas. Em 2015 e 2020, a coleção foi atualizada para atender às novas demandas educacionais e participar do PNLD.

Imagem 1 – Livro didático utilizado nas aulas de geografia



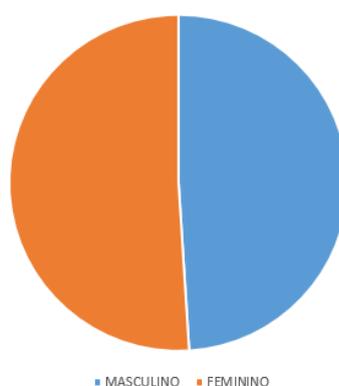
Fonte: Moderna, 2023

A obra estrutura seus conteúdos como uma “expedição”, propondo uma jornada de aprendizagem que busca aproximar os estudantes de sua realidade cotidiana. Com esse enfoque, procura desenvolver a capacidade crítica dos alunos por meio de atividades investigativas e metodologias ativas, incentivando o protagonismo discente e estimulando a criatividade ao longo do processo de aprendizagem.

Além disso, o livro se destaca por seu projeto gráfico, que inclui recursos visuais como fotos, gráficos e mapas, facilitando a compreensão dos temas abordados. As seções "Mochila de Ferramentas", "Estação Socioambiental" e "Estação Cidadania" são exemplos de como a obra integra conteúdos transversais e estimula a reflexão crítica sobre questões ambientais e sociais. Essas características tornam o Expedições Geográficas uma ferramenta para o ensino de Geografia, promovendo uma aprendizagem contextualizada .

Na sequência, apresenta-se a análise dos dados coletados por meio do questionário aplicado aos estudantes do 9º ano da instituição mencionada. O objetivo dessa etapa é sustentar, com base nas percepções discentes, a abordagem adotada neste estudo. O gráfico (1) a seguir ilustra a distribuição de gênero entre os participantes da pesquisa. Vale destacar que, entre os aproximadamente 30 alunos frequentes na turma, 24 participaram do questionário, representando uma amostra significativa para a análise qualitativa proposta.

Gráfico 1 – Distribuição dos gêneros dos entrevistados

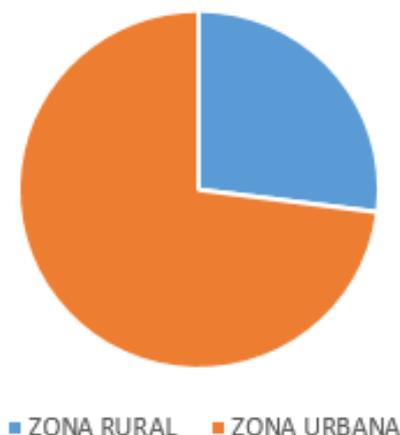


Fonte: Autora, 2025.

A análise dos dados revela uma distribuição relativamente equilibrada entre os gêneros, observando-se, portanto, 51% o público feminino e 49% masculino, sendo assim uma ligeira predominância da participação feminina no levantamento. É notório que tal equilíbrio contribui para a representatividade dos dados obtidos, mesmo diante de uma ausência de resposta por parte de 6 discentes (o que corresponde a uma relativa ausência de dados, de 20%).

Outra questão abordada na pesquisa foi a importância de identificar a área de residência dos alunos, distinguindo entre aqueles que vivem na zona rural e os que residem na zona urbana. Essa informação se mostrou relevante para compreender as diferentes realidades socioterritoriais que influenciam o acesso ao conhecimento geográfico e o modo como os estudantes se relacionam com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Gráfico 2 – Distribuição por região dos entrevistados



Fonte: Autora, 2025.

A análise da distribuição espacial dos participantes evidencia uma concentração majoritária na zona urbana de 73%, representando quase três quartos dos participantes. Mesmo assim, a presença de 27% de estudantes oriundos da zona rural demonstra, por outro lado, uma participação multifacetada – que representa uma miríade de contextos sociais dentro da escola, apontando de tal modo para a diversidade territorial presente no contexto escolar analisado.

Tal informação é indispensável para a compreensão das condições sociais, culturais e logísticas que influenciam o cotidiano escolar, considerando possíveis desigualdades de acesso e diferenças de vivência entre os alunos das distintas regiões, elementos que podem repercutir nas análises subsequentes da pesquisa.

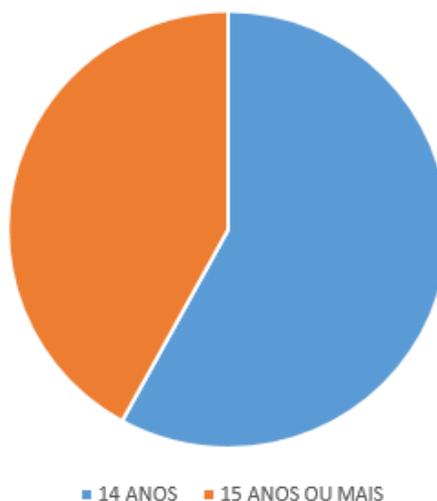
De Castro e Pereira (2021) salientam, diante de tal perspectiva, que um dos maiores problemas dessa política é o tempo que os estudantes que moram no campo levam para chegar até a escola na cidade. Isso coloca esses alunos em uma situação pior do que a de quem já mora na cidade ou em regiões próximas. Para esses estudantes do meio rural, o deslocamento até a escola urbana exige muito esforço, pois muitas vezes o trajeto é longo. Além disso, é importante garantir que o transporte seja regular, em boas condições e seguro, para evitar que eles percam aulas ou se envolvam em acidentes desnecessários.

Nesse contexto, é importante ressaltar uma citação do filósofo Kant, onde o mesmo retrata o poder da educação para o homem: a educação faz o homem e seus pensamentos perante o mundo, por meio de sua fala analisamos que o homem é aquilo que a educação faz dele. A experiência em sala de aula em

momento de análise as práticas pedagógicas e sua regência se destacam com o uso do LD em sala e a participação dos alunos, visto que o material de ensino aprendizagem foi bem distribuído e utilizado com domínio em prática.

A seguir, apresentam-se as idades dos alunos que participaram da pesquisa, dado relevante para a compreensão do perfil da turma e para a análise das percepções sobre o uso do livro didático no ensino de Geografia.

Gráfico 3 – Distribuição por faixa etária dos entrevistados



Fonte: Autora, 2025.

Assim, com relação à distribuição etária dos participantes, os dados analisados revelam uma maior concentração de estudantes com 14 anos, correspondendo a mais da metade da amostra. Observa-se também uma presença expressiva de alunos com 15 anos ou mais, com uma notória composição conforme destacado.

Embora não haja uma variação muito ampla, podemos refletir diferentes níveis de maturidade, vivências e desenvolvimento educacional, dos educandos, com uma miríade de aspectos que influenciam na percepção e até mesmo nos caracteres dos alunos. De tal modo que a diversidade das idades, mesmo que mínima, reforça a importância de sempre se considerar as especificidades de cada faixa etária no planejamento pedagógico e nas estratégias de ensino adotadas, seja pelos professores em uma microação ou no âmbito pedagógico como um todo.

Outrossim, dialogando com a temática, Barbosa (2020) pondera que é bastante comum ouvir professores e coordenadores escolares comentando sobre a falta de interesse dos jovens pelas atividades acadêmicas e as dificuldades que encontram para envolver de forma adequada o público adolescente. Essa situação costuma gerar angústia e até mesmo estresse em muitos profissionais que atuam nas escolas. O envolvimento dos adolescentes com os estudos é uma questão que tem preocupado especialistas, que apontam que muitas escolas não estão completamente preparadas para lidar com esse público.

É imprescindível destacar que a adolescência nos dias atuais é bastante diferente desde o comportamento, os interesses, os hábitos e os valores dos jovens de décadas atrás. Segundo Urdan e Pajares (2001), essa fase da vida tem passado por muitas mudanças ao longo da história, e essas transformações trazem novos desafios para a prática pedagógica. Para favorecer o engajamento dos adolescentes nas atividades escolares, torna-se essencial compreender as especificidades que caracterizam essa fase do desenvolvimento humano, incorporando tais aspectos de maneira mais aprofundada e crítica na formação docente.

Todas as mudanças que acontecem na adolescência abrem um novo mundo para o jovem. Nesse período, ele passa por transformações importantes na sua aparência, na maneira de pensar e na forma de se relacionar com as outras pessoas (Barbosa, 2020). O adolescente começa a interagir mais com o sexo oposto, busca maior autonomia e fica mais atento às mudanças do corpo, à aparência física, à sua sexualidade e ao que deseja para o futuro profissional.

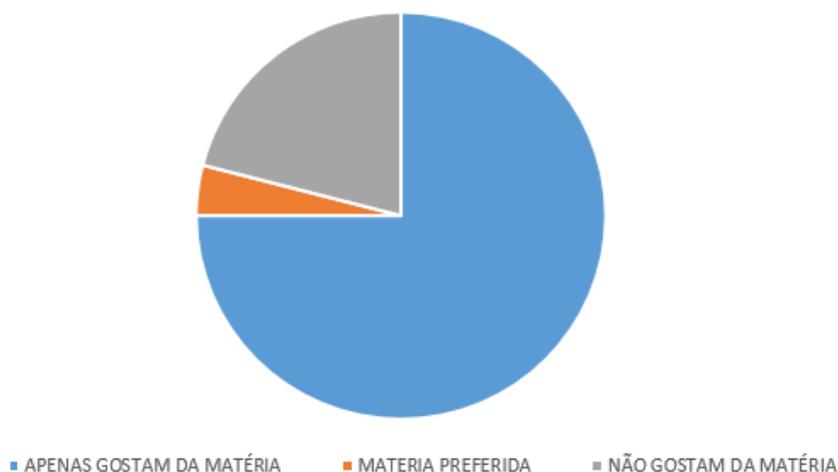
Ademais, observa-se, nesse período, uma transformação significativa nas relações interpessoais do adolescente, especialmente no que se refere à dinâmica familiar e social. É comum que ocorra um certo distanciamento em relação aos pais, ao passo que os vínculos com os pares se intensificam. As amizades passam a ocupar um papel central em sua vida, caracterizando-se por trocas afetivas profundas, compartilhamento de confidências e busca por aconselhamento, em um contexto marcado pela diminuição do controle e da mediação direta por parte dos adultos.

Diante das transformações vivenciadas pelos adolescentes, especialmente no que tange à busca por identidade e autonomia, torna-se relevante compreender

como esses fatores influenciam seu envolvimento com o ambiente escolar e, especificamente, com as disciplinas curriculares. A relação afetiva com determinadas matérias pode refletir não apenas interesses individuais, mas também aspectos relacionados à autoestima, à identificação com o professor e à forma como os conteúdos são apresentados.

Nesse sentido, o gráfico a seguir ilustra a distribuição da familiaridade dos alunos entrevistados com a disciplina de Geografia, permitindo observar suas preferências e níveis de afinidade com a matéria.

Gráfico 4 – Distribuição por familiaridade com a matéria



Fonte: Autora, 2025.

Ademais, como pode ser verificado posteriormente, a percepção dos alunos em relação à disciplina de Geografia ratifica que 75% dos discentes afirmam gostar da matéria, embora não a considerem sua preferida no contexto escolar, o que revela uma aceitação majoritariamente positiva do alunado. Mas, em contraste, quase um quarto dos alunos relevou não ter em boa consideração a disciplina, mesmo que haja em geral uma boa receptividade ao conteúdo.

O percentual expressivo dos 75% que apenas “gostam” da disciplina pode indicar uma oportunidade para intensificar práticas pedagógicas mais atrativas, participativas e contextualizadas ao que é vivenciado pelos discentes em seu cotidiano, de modo a transformar esse apreço moderado em interesse genuíno e duradouro. Já o grupo de 21% que declara não gostar da disciplina merece

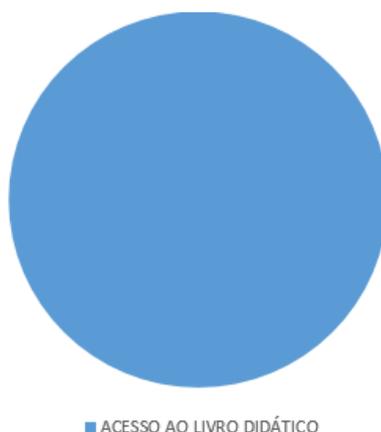
atenção especial, uma vez que pode estar enfrentando dificuldades de compreensão, desmotivação ou desinteresse.

Assim, a adoção de estratégias que dialoguem com ações cotidianas, com o uso de tecnologias educacionais, projetos interdisciplinares ou conteúdos mais próximos da realidade dos estudantes contribuem para a atenuação do quadro narrado, diante desse cenário. Assim, a geografia, tanto no ensino quanto na aprendizagem, exige que suas práticas pedagógicas estejam sempre evoluindo. Isso acontece porque a disciplina é uma ciência dinâmica, que trabalha com um amplo conjunto de teorias e métodos para compreender as relações complexas entre sociedade e natureza no espaço geográfico.

De acordo com Lópes (2020), essa necessidade ficou ainda mais evidente nos dias de hoje. Com a entrada constante de novas tecnologias no nosso dia a dia, é fundamental que escolas e professores se mantenham atualizados. Assim, eles podem levar para a sala de aula, de forma criativa e crítica, os conhecimentos e recursos tecnológicos do mundo contemporâneo.

Outro aspecto positivo observado na pesquisa refere-se ao acesso ao livro didático como recurso pedagógico. Na escola investigada, todos os alunos relataram ter acesso ao material. Esse acesso contribui significativamente para a ampliação das oportunidades de aprendizagem

Gráfico 5 – Distribuição dos alunos que possuem o livro didático



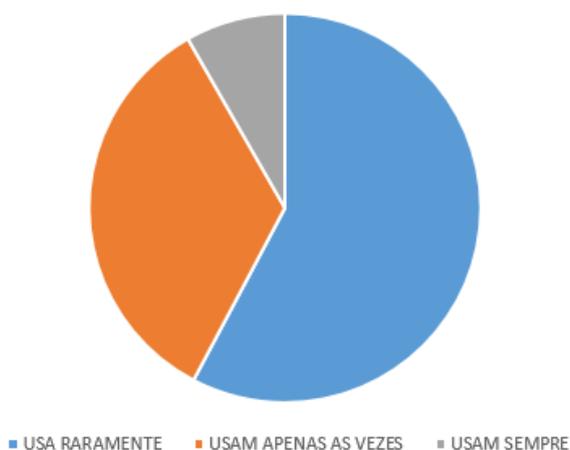
Fonte: Autora, 2025.

Diante do dado revelado pela pesquisa, que aponta que 100% dos alunos da escola têm acesso ao livro didático, reafirmo que esse recurso se configura como uma poderosa ferramenta pedagógica no ensino de Geografia. Nas escolas

públicas brasileiras, sua presença é fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem

Com relação ao uso do livro didático em sala de aula, constata-se, conforme ilustra o Gráfico 6, uma discrepância entre o acesso universal ao material e sua efetiva utilização nas práticas pedagógicas. Embora todos os alunos tenham o LD à disposição, os dados revelam diferentes frequências de uso, o que levanta questões sobre o modo como esse recurso tem sido explorado no cotidiano escolar.

Gráfico 6 – Uso dos livro didático em sala de aula



Fonte: Autora, 2025.

De acordo com os resultados, a maioria dos alunos afirma utilizar o livro didático de Geografia raramente, representando 56% dos casos. Outros 33% relataram usá-lo apenas às vezes, enquanto apenas 8% disseram utilizá-lo sempre. Esses dados indicam a necessidade de romper com a concepção de que o livro didático deve ser utilizado apenas como instrumento de memorização de conteúdos. Tal visão reduz o potencial pedagógico do material e contribui para uma postura passiva por parte do estudante

Com relação à indagação sobre o uso do livro didático em sala de aula, foi possível perceber, segundo os dados apresentados no Gráfico 6, que a maioria dos estudantes reconhece a presença constante desse recurso nas práticas pedagógicas. A frequência de utilização do livro demonstra que ele ainda ocupa um papel central no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia,

sendo, muitas vezes, a principal — ou até única — fonte de consulta e orientação das aulas.

Desse modo, essa constatação reforça a necessidade de refletir sobre como o livro está sendo mediado pelo professor, de modo a evitar uma abordagem excessivamente teórica e promover práticas mais dinâmicas, contextualizadas e interativas, que dialoguem com a realidade dos estudantes. É fundamental que o docente proponha atividades que estimulem o desenvolvimento do pensamento crítico, de forma a promover a compreensão efetiva dos conteúdos pelos estudantes, para além da simples repetição mecânica das informações.

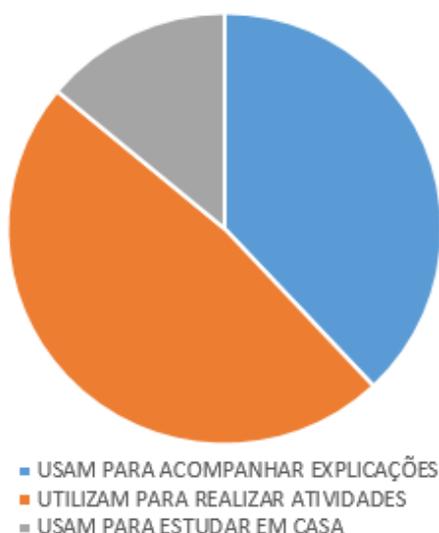
Nesse contexto, o livro didático é uma ferramenta muito valiosa no processo de ensino e aprendizagem, pois apresenta de forma clara os conceitos das várias áreas da geografia. Segundo Varizzo (1999), diante das condições atuais de trabalho do professor de geografia, o livro didático vem se tornando cada vez mais um instrumento importante, quase indispensável, como uma ferramenta que complementa as atividades pedagógicas.

Nesse contexto, o papel do professor é fundamental. Cabe a ele mediar a relação entre o estudante e o conhecimento, apropriando-se do livro didático de forma crítica e criativa. Para Bittencourt (2011), o docente não deve se limitar ao roteiro proposto pelas coleções didáticas, mas utilizá-las como suporte à sua intencionalidade pedagógica, adaptando o material às necessidades da turma e aos objetivos de ensino.

Contudo, ele destaca que o livro deve ser apenas um dos vários recursos disponíveis para o ensino. Os números trazidos a tona revelam uma baixa frequência de uso do material, diagnosticando assim que o livro didático não é um recurso central no processo de ensino-aprendizagem da disciplina na escola.

Mesmo assim, com a ausência de respostas na categoria "Nunca", houve o indicativo que, embora o uso seja esporádico, o livro ainda está presente em algum momento das atividades escolares, porém, este dado pode estar intrinsecamente ligado com a forma que os alunos usam o livro didático além da sala de aula, como pode ser observado no gráfico 7. Vejamos:

Gráfico 7 – Utilização do Livro Didático pelo estudante



Fonte: Autora, 2025.

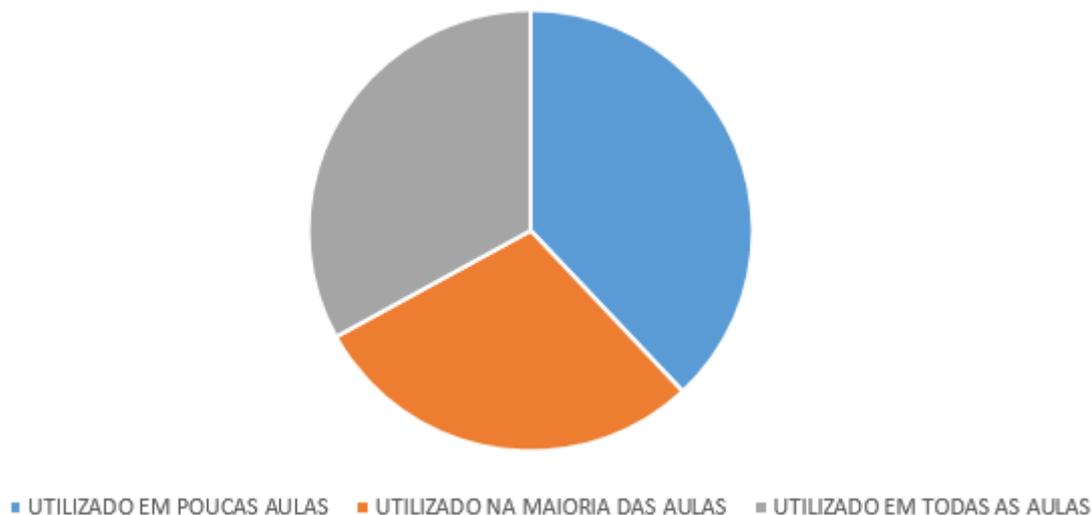
Com base no gráfico referente a utilização do livro didático pelos alunos, observou-se que 38% dos estudantes utilizam o livro principalmente para acompanhar as explicações do professor durante as aulas. Um percentual ainda maior, correspondente a 48%, afirmou utilizar o material para a realização de atividades em sala de aula, evidenciando o papel do livro como ferramenta prática no cotidiano escolar.

Por outro lado, apenas 14% dos alunos relataram utilizar o livro didático para estudar em casa, o que indica uma baixa adesão ao uso do material como apoio para o estudo individual e reforço do conteúdo fora do ambiente escolar. Esses dados sugerem uma centralidade do livro nas práticas escolares mediadas pelo professor, mas também revelam limitações quanto à sua exploração autonomia pelos discentes.

No entanto, a opção "não utiliza" também apareceu, o que corrobora os dados anteriores sobre a frequência reduzida de uso. Assim, diante dos números achados, as avaliações sugerem que, embora o LD não seja o recurso predominante no cotidiano escolar, ele ainda cumpre funções complementares, como auxiliar na explicação de conteúdos e na realização de exercícios.

Ademais, além da utilização pelos alunos, é imprescindível avaliar como o professor realiza a aplicação do livro didático em sala de aula (gráfico 8):

Gráfico 8 – Utilização do Livro Didático pelo professor em sala



Fonte: Autora, 2025.

Quanto à utilização do livro didático pelo professor em sala de aula, os dados revelam uma distribuição relativamente equilibrada entre as diferentes frequências de uso. A maior parcela dos alunos em sala, correspondendo a 38%, indica que o docente recorre ao livro em poucas aulas, comente em momentos oportunos enquanto 29% afirmam que o material é utilizado na maioria das aulas. Por outro lado, 33% dos respondentes relatam que o livro é empregado em todas as aulas, e uma pequena fração aponta que o professor nunca o utiliza.

Evidencia-se assim uma variação significativa na incorporação do LD nas práticas pedagógicas, possivelmente refletindo diferenças metodológicas entre os professores ou adaptações conforme o conteúdo abordado. O fato de quase 40% dos alunos indicarem um uso esporádico ("em poucas aulas") denotar que o livro serve como recurso complementar, sendo substituído por outras ferramentas didáticas em parte do planejamento. Logo, a ausência de um padrão dominante levanta questões sobre como o LD é integrado ao ensino: se como base central, material de consulta pontual ou mesmo como item secundário. A seguir, observemos os índices concernentes ao entendimento dos conteúdos trazidos pelo LD de acordo com a perspectiva dos alunos (gráfico 9):

Gráfico 9 – Entendimento sobre os assuntos do Livro Didático



Fonte: Autora, 2025.

Os dados revelam um cenário preocupante em relação à compreensão dos estudantes acerca dos assuntos abordados no livro, tendo por perspectiva que a maioria expressiva dos discentes (67%) afirma "achar complicado entender o que está escrito", indicando a existência de uma barreira na linguagem ou na estruturação do material.

É passível diagnosticar então que o livro pode apresentar textos excessivamente complexos, vocabulário inadequado ao nível cognitivo dos alunos ou falta de clareza na exposição dos conceitos. No entanto, em contrapartida, apenas 29% dos respondentes consideram que "alguns conteúdos são difíceis", reconhecendo uma parcial acessibilidade, mas ainda com obstáculos pontuais a serem enfrentados no dia a dia.

Já com relação à eficácia dos conhecimentos contidos no LD, como podemos observar abaixo, trazem dados revelam uma percepção ambivalente entre os alunos quanto à contribuição do livro didático (LD) para o aprendizado da disciplina (gráfico 10). A maioria esmagadora (79%) afirma que o material "ajuda, mas, precisa de outras explicações", indicando que, embora o LD seja reconhecido como um recurso útil, ele não é suficiente por si só para garantir a compreensão dos conteúdos.

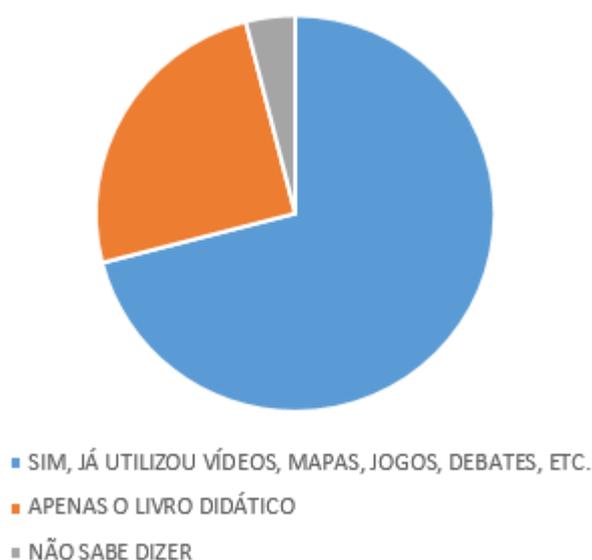
Gráfico 10 – Eficácia dos conhecimentos contidos no Livro Didático



Fonte: Autora, 2025.

A preferência por materiais além do livro didático no ensino de Geografia reflete uma evolução nas práticas pedagógicas, marcada pela busca de maior eficácia e engajamento discente. No entanto, é fundamental que essa diversificação seja acompanhada de reflexão crítica sobre os objetivos de aprendizagem, garantindo que os recursos utilizados não sejam meramente decorativos, mas sim instrumentos efetivos para a construção do conhecimento geográfico como pode-se observar no gráfico abaixo (gráfico 11):

Gráfico 11 – Uso de outros materiais para o ensino em geografia



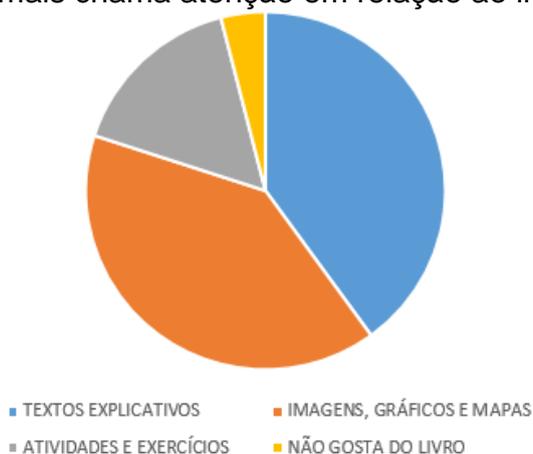
Fonte: Autora, 2025.

Os dados analisados evidenciam uma tendência expressiva na utilização de recursos pedagógicos complementares ao livro didático (LD) no ensino de Geografia, com cerca de 71%. A alternativa "Sim, já utilizou vídeos, mapas, jogos, debates, etc." foi a mais mencionada, indicando que professores e alunos recorrem com frequência a materiais diversos para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

A preferência por recursos multimodais — como vídeos, que contribuem para a visualização de fenômenos geográficos: mapas, que desenvolvem a percepção espacial; jogos, que favorecem o engajamento dos estudantes; e debates, que promovem o pensamento crítico — demonstra uma valorização de práticas pedagógicas alinhadas às demandas de uma educação contemporânea, dinâmica e interdisciplinar.

Nesse contexto, ressalta-se a relevância da integração desses recursos ao uso do livro didático, ampliando a autonomia dos discentes e favorecendo uma aprendizagem mais significativa, dinâmica e participativa. Nessa perspectiva, é interessante observar os dados apresentados no Gráfico 12, que revela o que mais chama a atenção dos alunos em relação ao livro de Geografia, contribuindo para a compreensão de como esses materiais impactam o processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 12 – O que mais chama atenção em relação ao livro de Geografia



Fonte: Autora, 2025.

Com base no gráfico apresentado, que investiga quais partes do livro didático os alunos mais utilizam ou preferem, os dados obtidos revelam o seguinte:

- 40% dos estudantes indicaram preferência pelos textos explicativos, evidenciando que essa seção do livro ainda exerce papel relevante na compreensão dos conteúdos;
- 40% afirmaram utilizar mais as imagens, gráficos e mapas, o que demonstra a importância dos elementos visuais na aprendizagem da Geografia, por facilitarem a interpretação de informações espaciais e fenômenos geográficos;
- 16% dos alunos destacaram as atividades e exercícios como a parte mais utilizada, indicando o reconhecimento da importância da prática e da fixação dos conteúdos;
- Por fim, 4% dos respondentes declararam que não gostam do livro didático, sugerindo um distanciamento ou desinteresse por esse recurso, o que pode estar relacionado à forma como ele é utilizado em sala de aula.

Observa-se que os recursos visuais - imagens, gráficos e mapas - emergem como componentes de maior apelo junto ao público discente. Esta predileção encontra respaldo teórico na psicologia cognitiva, particularmente na Teoria da Carga Cognitiva de Sweller (1988), que postula a eficácia dos organizadores gráficos na assimilação de conceitos complexos. No âmbito específico da Geografia, a relevância desses elementos visuais torna-se ainda mais pronunciada, pois permitem a representação espacial de fenômenos que, descritos apenas textualmente, perderiam em clareza e precisão conceitual.

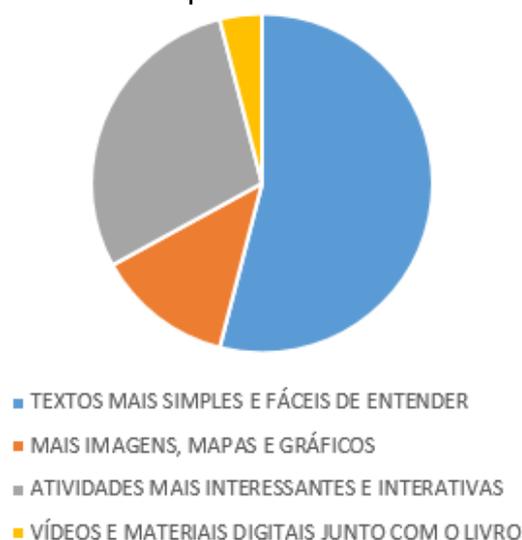
As preferências discentes revelam uma demanda por materiais didáticos híbridos que combinem representações visuais de qualidade, textos acessíveis e oportunidades de aplicação prática. Esses elementos, quando bem articulados, podem transformar o livro didático de Geografia de um mero repositório de informações em uma ferramenta dinâmica de construção do pensamento geográfico.

Os dados apresentados revelam perspectivas críticas dos discentes sobre os elementos que necessitam de aprimoramento no LD de Geografia, oferecendo subsídios valiosos para a reformulação de materiais pedagógicos mais eficazes. Diante de tal cenário, questionou-se ainda aos discentes sobre quais aspectos

poderiam ser aprimorados no livro didático, visando facilitar e potencializar o aprendizado.

As respostas foram organizadas no Gráfico 13, que evidencia as principais sugestões: a necessidade de textos mais simples e fáceis de entender, a inclusão de mais imagens, mapas e gráficos, a oferta de atividades mais interessantes e interativas e a integração de vídeos e materiais digitais complementares ao livro. Essas propostas indicam uma busca por materiais didáticos mais acessíveis, atrativos e alinhados com as demandas contemporâneas de aprendizagem.

Gráfico 13 – O que poderia ser melhorado no livro didático para ajudar no aprendizado



Fonte: Autora, 2025.

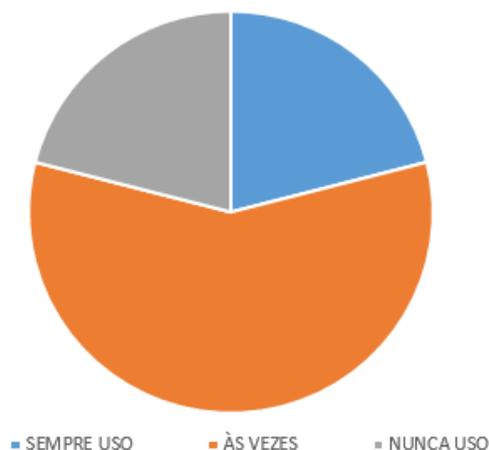
Os dados apresentados revelam perspectivas críticas dos discentes sobre os elementos que necessitam de aprimoramento no LD de Geografia, oferecendo subsídios valiosos para a reformulação de materiais pedagógicos mais eficazes. A análise hierárquica dessas demandas (54%, 29%, 13% e 4%) evidencia prioridades claras que refletem desafios contemporâneos no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. O dado mais significativo - 54% dos alunos demandando "textos mais simples e fáceis de entender" - revela um problema estrutural na comunicação do conhecimento geográfico.

Tal perspectiva ecoa as constatações de Vygotsky (1984) sobre a zona de desenvolvimento proximal, sugerindo que os textos atuais frequentemente ultrapassam a capacidade de compreensão autônoma dos estudantes. A

complexidade linguística excessiva, longe de representar rigor acadêmico, constitui uma barreira epistemológica que impede a apropriação dos conceitos geográficos fundamentais.

Além disso, buscou-se investigar a frequência de uso do livro didático pelos discentes no ambiente doméstico, com o intuito de compreender como esse material é incorporado em seus hábitos de estudo fora da escola. Os resultados, apresentados no Gráfico 14, revelam três padrões distintos: alunos que sempre utilizam o livro em casa, aqueles que o utilizam às vezes e os que nunca o utilizam. Esses dados oferecem subsídios importantes para refletir sobre o papel do livro didático no apoio ao aprendizado extraclasse.

Gráfico 14 – Uso do livro didático em casa



Fonte: Autora, 2025.

O gráfico mostra com que frequência os alunos usam o livro didático em casa. Os dados revelam que:

- 58% dos alunos usam o livro às vezes, o que indica um uso ocasional como apoio fora da sala de aula;
- 21% afirmam que sempre usam o livro didático em casa, demonstrando um grupo que mantém o hábito de estudo com esse material;
- 21% dizem que nunca utilizam o livro em casa, o que pode indicar falta de interesse, dificuldade de uso ou preferência por outras fontes de estudo.

Embora o livro didático não se configure mais como recurso exclusivo para o estudo em âmbito escolar, ele certamente mantém sua relevância como elemento estruturante do processo educativo. A chave para maximizar seu potencial parece residir na capacidade de articulação com outros materiais e tecnologias, configurando-se como parte integrante de um ecossistema mais amplo de recursos educacionais.

4.3 PERCEPÇÕES DOS DOCENTES E DA COORDENAÇÃO SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

A pesquisa realizada na Escola Estadual Djalma Marinho, em Nova Cruz/RN, permitiu identificar distintas percepções entre professores e a coordenação pedagógica acerca do uso, da distribuição e da gestão do livro didático de Geografia. Essas diferenças são importantes para compreender como o material é operacionalizado no cotidiano escolar e quais desafios se apresentam para os diversos segmentos da instituição.

Os professores que participaram da pesquisa destacaram, em sua maioria, aspectos relacionados ao uso pedagógico do livro didático. Para eles, o material fornecido pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático atende às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular e contempla os conteúdos necessários para o currículo escolar. Contudo, eles relataram dificuldades com o uso do livro, principalmente na adaptação das atividades às necessidades específicas da sala e na necessidade de desenvolver métodos mais interativos e contextualizados.

Outro ponto destacado pelos professores foi a liberdade na hora de escolher o material para ensinar, evidenciando que há um envolvimento ativo da equipe pedagógica na seleção das obras que mais atendem às necessidades dos alunos e ao planejamento da escola. Mas eles frisaram a necessidade de formações continuadas que ajudem numa melhor compreensão das ideias pedagógicas dentro do livro e sua ligação com a prática na sala de aula.

Por sua vez, a coordenação pedagógica apresentou um olhar mais institucional sobre a gestão e a distribuição dos livros didáticos. A coordenadora destacou a eficiência do processo de distribuição, que é feito pela bibliotecária da escola no início de cada ano letivo, garantindo que todos os alunos do 9º ano

recebam livros para usar em sala e em casa. Enfatizou que não há problemas logísticos ou administrativos na gestão do material, demonstrando organização e planejamento corretos por parte da escola.

Além disso, a coordenação destacou a importância do alinhamento entre a escolha dos livros didáticos e as diretrizes do PNLD e da BNCC, assegurando a conformidade com as políticas públicas educacionais. Porém, notou que, apesar de o material ser apropriado, alguns docentes ainda têm dificuldades em utilizá-lo plenamente, o que reforça a necessidade de investimentos na formação pedagógica do corpo docente.

As respostas mostram que, ao passo que os docentes se concentram nas questões pedagógicas e metodológicas associadas ao uso do livro didático — como sua utilidade em sala e a necessidade de estudos de formação continuada —, a coordenação assume outra ótica, focando na gestão do material, destacando a eficácia na entrega e a adequação às políticas públicas.

Essas diferenças de foco são naturais, já que cada parte da escola tem suas funções próprias: os professores trabalham diretamente com o uso do material no processo de ensino-aprendizagem, enquanto a coordenação cuida do planejamento, organização e acompanhamento das práticas pedagógicas e administrativas.

Assim, a pesquisa evidencia a grande necessidade de melhorar o diálogo entre professores e equipe pedagógica, promovendo ações conjuntas por meio de atividades de estudo e planejamentos que fortaleçam o uso do livro escolar como um meio essencial para desenvolver as habilidades e competências esperadas na BNCC.

A seguir, apresenta-se uma análise comparativa mais aprofundada, que evidencia as diferentes percepções e prioridades entre os professores e a coordenação pedagógica em relação ao uso e à gestão do livro didático. Essas informações foram sistematizadas no Quadro 1, permitindo visualizar de forma organizada os pontos de convergência e divergência entre as áreas entrevistadas:

Quadro 1 – Tabela Comparativa das respostas dos professores e da coordenação pedagógica

ASPECTOS	RESPOSTAS DOS PROFESSORES	RESPOSTAS DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
FOCO PRINCIPAL	Uso pedagógico do livro didático em sala de aula.	Gestão administrativa e distribuição do material.
PERCEPÇÃO SOBRE O MATERIAL	O livro atende às orientações da BNCC, mas exige adaptações e metodologias complementares.	O material está alinhado com as políticas públicas (PNLD e BNCC) e é adequado para o currículo.
DIFICULDADES APONTADAS	Necessidade de formação continuada para melhor utilização do material e adaptação às turmas.	Reconhecimento das dificuldades dos professores em explorar plenamente o livro didático.
PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO	Participam ativamente, exercendo autonomia na escolha conforme as necessidades pedagógicas.	A escolha segue as orientações do PNLD, garantindo a conformidade com as políticas educacionais.
DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO	Não comentaram diretamente sobre a logística de distribuição.	Processo organizado, realizado pela bibliotecária no início do ano letivo, sem apresentar problemas.
SUGESTÕES OU DEMANDAS	Demandam mais formação continuada e metodologias inovadoras para o uso do livro.	Consideram importante o fortalecimento da formação dos professores para melhor aproveitamento do material.

Fonte: Autora, 2025.

As análises demonstram que, embora professores e equipe gestora compartilhem o compromisso com a qualidade da educação, seus olhares sobre o livro didático revelam funções e prioridades distintas. Enquanto os docentes valorizam o potencial pedagógico do material, apontando limites e sugerindo a

necessidade de formação continuada, a coordenação enfatiza aspectos logísticos e institucionais, como a adequação do livro às diretrizes oficiais e sua distribuição eficiente. Essa distinção não indica desalinhamento, mas sim a complexidade da engrenagem escolar, em que diferentes papéis colaboram para um mesmo objetivo.

Dessa forma, torna-se evidente a importância de promover uma articulação mais efetiva entre professores e coordenação pedagógica. Planejamentos coletivos, espaços de escuta e momentos formativos integrados podem favorecer o uso mais significativo do livro didático, aproximando-o das reais demandas da sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições do professor, que habilmente cedeu espaço em sua regência para que as observações pudessem ocorrer; da direção da escola, que permitiu as observações, bem como nos auxiliou em todo o processo de estágio supervisionado; proporcionaram uma realização benéfica em todo o processo. A relevância da relação entre as instituições de ensino superior e as escolas no desafio de melhor capacitar os professores.

Dessa forma, a temática se destaca como uma das discussões centrais nos estudos educacionais, especialmente no que se refere à formação de professores da disciplina de geografia e ao aprimoramento das práticas pedagógicas. Assim, com tais ponderações, pode-se ressaltar que o livro didático desempenha um papel essencial na estruturação do ensino, servindo como uma ferramenta de mediação entre o professor e o aluno, além de orientar a organização curricular e o desenvolvimento das aulas.

No ambiente escolar, há diversos recursos que apoiam o trabalho dos professores. Alguns até mesmo se tornaram indispensáveis ao longo do tempo, como o livro didático. Esse material é uma das poucas formas impressas de leitura com as quais os alunos ainda têm contato, dada a constante exposição a telas e algoritmos que norteiam os conteúdos a serem vistos nas redes sociais.

Os professores comentam que os alunos leem pouco, o que significa que raramente utilizam outros livros ou materiais. Diante deste cenário, com o inegável aumento do acesso às redes sociais, à internet e a outros recursos midiáticos, o

livro impresso também está disponível em formato digital, e as informações que encontramos no livro didático podem ser achadas online. Mesmo com essas mudanças, o LD continua sendo essencial nas escolas e no trabalho dos educadores.

Destarte, com base na análise empreendida ao longo deste trabalho, conclui-se que o livro didático é um material constituído como uma ferramenta uníssona no ambiente escolar, sendo reconhecido como recurso indispensável no processo de ensino-aprendizagem, haja vista que os dados analisados reforçam sua relevância na organização das práticas pedagógicas, seja na prática do direcionamento dos conteúdos ou até na sistematização do conhecimento. Entretanto, é importante destacar, conforme apontado pelo professor de Geografia participante da pesquisa, que nem todos os conteúdos nele apresentados dialogam de forma direta com o espaço e a realidade da comunidade em que a escola está inserida, de modo que tal constatação apenas revela um desafio recorrente: a necessidade de adaptar e contextualizar os temas propostos pelo LD.

Os livros didáticos de geografia refletem a perspectiva e a interpretação que seus autores têm sobre a disciplina enquanto componente curricular da educação básica, a sociedade e as relações que existem em determinado momento, alinhando-se com a própria ciência geográfica. Isso resulta em diversas combinações nas quais as obras didáticas conectam suas categorias de análise, incluindo conteúdo, espaço geográfico e outros conceitos como lugar, território, paisagem e região, além dos processos sociais e naturais que os afetam.

Essas categorias formam a base do discurso da ciência geográfica e também da geografia ensinada nas escolas. Assim, embora hoje tenhamos à disposição muitos recursos visuais, como vídeos, imagens digitais e softwares, além do fácil acesso à internet, os livros didáticos continuam sendo essenciais nas aulas de geografia. Eles desempenham um papel importante ao conectar o conhecimento científico com o aprendizado de professores e alunos; orientam as aulas de geografia e apresentam o conhecimento de forma organizada e de fácil acesso com linguagem objetiva.

Ademais, durante a observação das práticas pedagógicas, constatou-se, em determinados momentos, um leve desinteresse por parte dos discentes em aprofundar questões que exigiam uma análise mais crítica e prolongada do livro

didático em sala de aula. Diante disso, reforça-se a necessidade de uma atuação docente reflexiva e crítica, capaz de reconhecer o valor do LD, sem, no entanto, tornar-se refém de seus limites.

Cabe ao professor o papel de mediador consciente, promovendo estratégias de ensino que articulem os saberes do material com os contextos vivenciados pelos estudantes, pois em um contexto de constantes transformações tecnológicas e metodológicas, compreender a importância do LD e suas diversas formas de utilização torna-se fundamental para garantir um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRELIVROS. BNCC. Organização: RENATA, P. Müller; RODRIGUES, Eduardo Henrique Kruel. Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais, 2023. Disponível em: https://abrelivros.org.br/anuario/2023/Anuario_Abrelivros_2023.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

ADAS, Melhem; ADAS, Sergio. *Expedições geográficas: 9º ano*. Livro digital-interativo. São Paulo: Moderna, 2024. Disponível em: <https://pnld.moderna.com.br/wp-content/uploads/expedicoes-geograficas/geografia-9/aluno/index.html>. Acesso em: 18 maio 2025.

ARROYO, M. Educação na encruzilhada: políticas educacionais e trabalho docente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARBOSA, Andréa Haddad. O aprendizado do adolescente no contexto escolar: implicações para a formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 7., 2020, Edição Online. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA1_ID6102_31082020094042.pdf. Acesso em: 11 maio 2025.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. O livro didático e a história do ensino: análise de livros didáticos de História do Brasil. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 31 jan. 2025.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cadernos Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?format=pdf>. Acesso em: 18 maio 2025.

CANAU, V. M. F. Formação Continuada de Professores, IN REALI, A. M. M. R e MIZUKAMI, M. G. N. Formação dos Professores. Tendências Atuais. São Carlos, EDUFSCar, 1996.

CANAU, Vera Maria. Didática e prática de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASTRO, J. H. Q.; PINHEIRO, F. N. Tecnologias no livro didático: possibilidades e limites para o ensino de história. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-6, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6291/5449>. Acesso em: 31 jan. 2025.

EMILIANA, C. P. A.; MENEZES, P. K. O uso do livro didático de geografia no ensino fundamental do colégio estadual ministro Santiago Dantas. Revista Elisée, v. 7, n. 1, p. 131-143, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/7353>. Acesso em: 31 jan. 2025.

FERREIRA, S. N. A trajetória do livro didático no Brasil: um olhar sócio-histórico. Visão Universitária, v. 2, 2017. Disponível em: <http://www.visaouniversitaria.com.br/ojs/index.php/home/article/view/117/105>. Acesso em: 31 jan. 2025.

FREGONEZE, G. B.; BOTELHO, J. M.; TRIGUEIRO, R. M.; RICIARI, M. O livro didático e o cotidiano escolar. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2014.

GAMBOA, Silvana S. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa, quantitativa e a pesquisa-ação. São Paulo: Érica, 2014.

GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. Revista Exitus, São Paulo, v. 8, n. 17, p. 155-183, ago. 2020.

HORIKAWA, A.; JARDILINO, J. A formação de professores e o livro didático: avaliação e controle dos saberes escolares. Revista Lusófona de Educação, América do Norte, n. 15, ago. 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor. – São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2012.

LOPES JÚNIOR, W. M. O uso do livro didático como atividade pedagógica na disciplina “Geografia do Brasil” no curso de licenciatura em geografia. Revista da AGB Bauru, Bauru, v. XXIV, n. 1, jan./dez. 2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-18.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

MARPICA, N. S.; LOGAREZZI, A. J. M. Um panorama das pesquisas sobre livro didático e educação ambiental. Ciência e Educação, Bauru – SP, v. 16, n. 1, p. 115-130, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MONTEIRO, A. O.; JUCÁ, S. C. S.; SILVA, S. A. O livro didático e a sua influência na formação dos discentes da educação básica de escolas públicas. Revista Universidad y Sociedad, v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662192049/560662192049.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2025.

OLIVEIRA, J. B. A. *et al.* Livro didático e prática docente. São Paulo: Sammus, 1984.

OLIVEIRA, L. A política pública do livro didático (PNLD): implicações na escolha e usos do livro pelo professor. Revista Contexto & Educação, n. 12, p. 272-290, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7586962>. Acesso em: 01 out. 2024.

OTA, I. A. S. O livro didático de língua portuguesa no Brasil. Alfa: Revista de Linguística, v. 35, p. 211-221, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação Básica. Diretrizes curriculares da educação básica: física. Paraná: Governo do Paraná, 2008. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_fis.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

PEREIRA, Caroline Nascimento; CASTRO, César Nunes de. PNLD e desigualdade educacional no Brasil. Brasília: IPEA, 2021. (Texto para Discussão, n. 2632). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10501/1/td_2632.pdf. Acesso em: 11 maio 2025.

PEYNEAU, A. C.; ABREU, C. B. C.; PALCICH, S. P. P.; CARVALHIDO, W. F. O livro didático: sua importância para a educação. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 3, 2022. Disponível em: https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2022/911_o_livro_didatico_sua_importancia_para_a_educacao.pdf. Acesso em: 31 jan. 2025.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da educação brasileira: a organização escolar. 19. ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SCHMIDT, S. Os primeiros livros didáticos. Revista Pesquisa Fapesp, n. 305, Memória, 2021. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2021/06/090_093_memoria_305.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.

SILVA, B. G. *et al.* A importância do livro didático e tecnologias no ensino. Fortaleza-CE, Semana Acadêmica, Edição 173, v. 1, 2019. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/28-_a_importancia_do_livro_didatico_e_recursos_tecnologicos_no_ensino_1.pdf. Acesso em: 31 out. 2024.

URDAN, T.; PAJARES, F. (Ed.). Adolescence and Education: general issues in the education of Adolescents. v. 1. Greenwich, Conn.: Information Age Publishing, 2001.

VARIZO, Z. da C. M. O livro didático ontem e hoje. Vitória: UFES/PPGE, v. 1, n. 1, p. 125-140, 1999.

VERCEZE, R. M. A. N.; SILVINO, E. F. M. O livro didático e os processos de ensino-aprendizagem. Revista Educação e Linguagens, v. 4, n. 4, p. 83-102, jan./jun. 2008.

XAVIER, M. C. F.; FREIRE, A. de S.; MORAES, M. O. A nova (moderna) biologia e a genética nos livros didáticos de biologia no ensino médio. Ciência e Educação, Bauru – SP, v. 12, n. 3, p. 275-289, 2006.

YIN, Robert K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PESQUISA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA



CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Esta pesquisa intitulada: LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL DJALMA MARINHO – NOVA CRUZ/RN, desenvolvida pela estudante e pesquisadora, Anny Karollyny Amaral da Silva, aluna do curso em Geografia da Universidade Estadual Paraíba/Guarabira, sob orientação da professora Me. Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva.

A intenção dessa pesquisa é analisar como o livro didático de Geografia é utilizado no ensino da disciplina durante o estágio na Escola Estadual Djalma Marinho – Nova Cruz/RN. Agradeço desde já a participação de todos, resguardando a identidade de todos participantes.

Para a Coordenação Pedagógica

Há quanto tempo trabalha nesta escola?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 3 anos
- Entre 4 e 6 anos
- Mais de 6 anos

A escola segue as orientações do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a escolha do material?

- Sim
- Não
- Não sei informar

Como o livro didático de Geografia é escolhido na escola?

- Seguindo as orientações do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

- () Com base na experiência dos professores
- () A Secretaria de Educação decide sem consulta aos professores
- () Outro: _____

Quais critérios são levados em consideração na escolha do livro didático de Geografia?

- () Qualidade dos conteúdos abordados
- () Alinhamento com a BNCC e currículo escolar
- () Facilidade de compreensão para os alunos
- () Materiais complementares oferecidos pelo livro
- () Outros: _____

Você considera que o livro didático escolhido atende às necessidades dos alunos?

- () Sim, atende bem
- () Parcialmente, alguns conteúdos poderiam ser melhor abordados
- () Não, o livro tem muitas limitações

Todos os alunos do 9º ano receberam um exemplar do livro didático?

- () Todos têm seu próprio livro podendo levar para estudar em casa
- () Uso compartilhando, utilizado apenas na escola.
- () Muitos alunos não receberam o livro

Como é feita a distribuição dos livros didáticos para os alunos?

Há dificuldades na gestão e distribuição dos livros didáticos na escola? Se sim, quais?

Quais desafios a escola enfrenta no uso do livro didático pelos alunos e professores?

APÊNDICE B – PESQUISA COM OS PROFESSORES



CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Esta pesquisa intitulada: LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL DJALMA MARINHO – NOVA CRUZ/RN, desenvolvida pela estudante e pesquisadora, Anny Karollyny Amaral da Silva, aluna do curso em Geografia da Universidade Estadual Paraíba/Guarabira, sob orientação da professora Me. Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva.

A intenção dessa pesquisa é analisar como o livro didático de Geografia é utilizado no ensino da disciplina durante o estágio na Escola Estadual Djalma Marinho – Nova Cruz/RN. Agradeço desde já a participação de todos, resguardando a identidade de todos participantes.

Para Professor(a)

1. Há quanto tempo trabalha nesta escola?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 3 anos
- Entre 4 e 6 anos
- Mais de 6 anos

2. Com que frequência você utiliza o livro didático de Geografia em sala de aula?

- Em todas as aulas
- Na maioria das aulas
- Em poucas aulas
- Raramente

3. Como os alunos interagem com o livro didático durante as aulas?

- Seguem a leitura e acompanham as atividades propostas
- Apenas utilizam quando solicitado pelo professor

Demonstram pouco interesse pelo material

Não utilizam o livro

4. O livro didático de Geografia contribui para o aprendizado dos alunos?

Sim, muito

Sim, mas precisa de complementação com outros materiais

Pouco, pois o material não atende totalmente às necessidades dos alunos

Não, os alunos aprendem melhor com outras metodologias

5. Qual é a maior dificuldade no uso do livro didático em sala de aula? (Pode marcar mais de uma opção)

Linguagem difícil para os alunos

Falta de interesse dos alunos pelo livro

Conteúdos desatualizados ou pouco atrativos

Falta de tempo para trabalhar todo o conteúdo do livro

Nenhuma dificuldade

6. Além do livro didático, quais recursos você utiliza para ensinar Geografia? (Pode marcar mais de uma opção)

Mapas e atlas geográficos

Vídeos e recursos audiovisuais

Textos e artigos complementares

Jogos educativos

Tecnologias digitais (plataformas online, aplicativos, etc.)

Outros: _____

7. Como você avalia a relação dos alunos com o livro didático?

8. Quais são os desafios no uso do livro didático na escola?

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE PESQUISA REALIZADA COM OS ALUNOS

Esta pesquisa intitulada: LIVRO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO NA ESCOLA ESTADUAL DJALMA MARINHO – NOVA CRUZ/RN, desenvolvida pela estudante e pesquisadora, Anny Karollyny Amaral da Silva, aluna do curso em Geografia da Universidade Estadual Paraíba/Guarabira, sob orientação da professora Me. Letícia Luana Dionísio da Silva Paiva. A intenção dessa pesquisa é analisar como o livro didático de Geografia é utilizado no ensino da disciplina durante o estágio na Escola Estadual Djalma Marinho – Nova Cruz/RN. Agradeço desde já a participação de todos, resguardando a identidade de todos participantes.

Questionário sobre o Uso do Livro Didático de Geografia para os alunos do 9º ano

1. Qual é o seu gênero?

- Feminino
- Masculino
- Outros
- Prefiro não dizer

2. Quantos anos você tem?

- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos ou mais

3. Você mora em qual área?

- Zona urbana
- Zona rural

4. Você gosta de estudar Geografia?

- É uma das minhas matérias favoritas
- Gosto, mas não é minha preferida
- Não gosto de Geografia

5. Você tem livro didático de Geografia?

- Tenho meu próprio livro.
- Tenho, mas compartilho com outro colega na escola.
- A escola não disponibilizou.
- Não uso o livro.

6. Você usa o livro didático de Geografia nas aulas?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

7. Como você utiliza o livro didático? (Pode marcar mais de uma opção)

- Para acompanhar as explicações do professor
- Para fazer atividades em sala
- Para estudar em casa
- Não utilizo o livro

8. O professor usa o livro didático nas aulas?

- Em todas as aulas
- Na maioria das aulas
- Em poucas aulas
- Nunca usa

9. O livro didático de Geografia é fácil de entender?

- Os textos e explicações são fáceis
- Mais ou menos, alguns conteúdos são difíceis
- Acho complicado entender o que está escrito

10. Você acha que o livro didático ajuda no aprendizado da disciplina?

- Ajuda bastante
- Ajuda um pouco, mas precisa de outras explicações
- Prefiro aprender de outras formas

11. Além do livro didático, o professor usa outros materiais para ensinar Geografia?

- Sim, já utilizou vídeos, mapas, jogos, debates, etc.
- Apenas o livro didático
- Não sei dizer

12. O que você mais gosta no livro didático de Geografia?

- Textos explicativos
- Atividades e exercícios
- Imagens, gráficos e mapas
- Não gosto do livro

13. O que poderia melhorar no livro didático para te ajudar a aprender melhor?

- Textos mais simples e fáceis de entender
- Mais imagens, mapas e gráficos
- Atividades mais interessantes e interativas
- Vídeos e materiais digitais junto com o livro

14. Você usa o livro didático para estudar em casa?

- Sempre uso
- Às vezes
- Nunca

15. Deixe um comentário sobre o que você acha do livro didático de Geografia:
